

Capítulo II

O conceito de vida em Leonardo Boff

Introdução

O nosso intento aqui consiste em articular o grito do oprimido com o grito da Terra, em vista do respeito pela vida, mediante o pensamento de Leonardo Boff.¹ O grito do oprimido conheceu uma poderosa reflexão calcada sobre práticas solidárias de libertação. Delas nasceu a teologia da libertação.

Nunca na história do cristianismo se deu tanta centralidade ao pobre, fazendo-o sujeito de sua libertação na medida em que se conscientiza da perversidade de sua situação e se organiza, com outros aliados, para superá-la.

A teologia da libertação tem feito bem aos oprimidos e marginalizados, pois tentou convencê-los de que sua causa tem a ver com a causa de Deus na História e que se inscreve no coração da mensagem e da prática de Jesus. Não sem razão, ele foi perseguido, feito prisioneiro político, torturado e crucificado. E finalmente convenceu-os de que sua busca de libertação, de vida e de poesia tem

¹ LEONARDO BOFF; 1938, nasceu em Concórdia, SC, por mais de 20 anos foi professor de teologia com os Franciscanos em Petrópolis no ITF: Instituto Teológico Franciscano, professor emérito de ética e filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor visitante em várias universidades estrangeiras, pesquisador, conferencista e escritor com mais de 70 livros nas áreas de teologia da libertação, filosofia, espiritualidade e ecologia. Junto com outros pensadores, ajudou nos anos 70 a fundar a Teologia da Libertação. Autor de várias obras publicadas, dentre elas: *Jesus Cristo libertador*; *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*; *E a Igreja se fez povo*; *A fé na periferia do mundo*; *Como fazer Teologia da Libertação*; *O destino do homem e do mundo*; *Paixão de Cristo, paixão do mundo*; *A ressurreição de Cristo - a nossa ressurreição na morte*; *Vida para além da morte*; *Civilização Planetária*; *Ethos mundial*; - *A oração de São Francisco*; *Tempo de transcendência*; *Princípio-Terra: a volta à terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995; *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1996; *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999; *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2004; *Ética da Vida*. Brasília: Letra Viva, 1999; *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1994; *Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000; *Nova era: a civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994; *Virtudes para um mundo outro mundo possível, vol. I. Hospitalidade: direito e dever de todos*. Petrópolis, Vozes, 2005.

uma incidência na eternidade, pois o Reino de Deus, a grande utopia das Escrituras Judeu-cristãs, é também feito de tais conteúdos.²

A Terra também grita. A lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras.

Essa lógica está quebrando o frágil equilíbrio do universo e da vida, construído com grande sabedoria ao longo de 15 bilhões de anos aproximadamente de trabalho da natureza. Rompeu com a aliança de fraternidade e de solidariedade do ser humano para com a Terra e destruiu seu sentido de relação com todas as coisas.

Essas questões ganharam hoje uma gravidade nunca dantes havida na história da humanidade. O ser humano dos últimos quatro séculos sente-se só, num universo considerado inimigo a ser submetido e domesticado. Este mesmo ser humano pode ser o satã da Terra, ele que foi chamado a ser seu anjo da guarda e cultivador zeloso. Ele mostrou que além de homicida e etnocida pode se transformar em biocida e geocida.

Para Leonardo Boff, não só os pobres e oprimidos devem se libertar. Hoje todos os humanos devem ser libertados. Todos somos reféns de um paradigma que nos coloca, contra o sentido do universo, sobre as coisas ao invés de estar com elas na grande comunidade cósmica.³

Por isso, segundo ele é relevante prolongarmos as intuições da teologia da libertação e alargar a sua validade e aplicação para as questões que englobam a Terra, nossa mãe generosa e nossa pátria-mãtria comum, mas ferida e doente.

O tempo atual é urgente e se faz necessário, entretanto, ter a esperança de que, como sempre no processo evolucionário, do caos nasça uma nova ordem, mais alta e promissora para todos os seres.

² BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2004, p. 27-38.

³Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 39-46.

Nossa reflexão quer ser uma possibilidade de esperança para os filhos e filhas da Terra, herdeiros daquela aliança que Deus estabeleceu com Noé e com toda a comunidade dos viventes após a devastação do dilúvio. A memória, conservada nos textos fundadores da tradição espiritual do judeu-cristianismo, reza: "quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o olharei como recordação da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a Terra... já não haverá mais inundação universal das águas para devastar a Terra" (Gn 9,16-17; 11).

Essa aliança é eterna e se atualiza especialmente em momentos de crise como o nosso. Ela funda a esperança de que o futuro comum não se construirá sobre as ruínas do planeta e da humanidade. Assim como do caos originário surgiu a cosmogênese, a litosfera, a hidrosfera, a atmosfera, a biosfera e a antroposfera, surgirá também a noosfera - a comunhão das mentes e dos corações - num centro de vida, de solidariedade⁴ e de amorização comum. Tudo apontará para a teosfera final, onde tudo estará em Deus e Deus em tudo. Eis que surgirá então o verdadeiro panenteísmo.

Boff, afirma que o novo paradigma que está emergindo - o da re-ligação - fundará uma religião universal que só será verdadeiramente universal se buscar convergências nas diversidades religiosas. Convergências a serem construídas e que devem concernir a restauração do sagrado de todas as coisas, o resgate da dignidade da Terra, a redescoberta da missão do ser humano, homem e mulher, chamado à celebração do mistério do cosmos e, finalmente, o encontro com Deus, mistério de comunhão e de vida, no próprio processo de cosmogênese.⁵

2. 1

Vida, a matéria que se auto- organiza

⁴ Cf. BOFF, L, Virtudes para um mundo *outro mundo possível*, vol. I. *Hospitalidade: direito e dever de todos*. Petrópolis, Vozes, 2005.

⁵ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 47-50.

Se todos temos uma origem comum, não significa que sejamos todos iguais. À medida que avança o processo de expansão, a tendência da matéria e da energia do universo é de se complexificarem cada vez mais.

Os sistemas são flutuantes e não estabelecidos uma vez por todas. Quer dizer, estamos dentro de sistemas sempre abertos, cuja organização permite galgar patamares mais altos de complexidade. Isto significa: cada sistema se encontra num jogo de interação, numa dança de troca de matéria e de energia, num diálogo permanente com o seu meio do qual recebe, acumula e troca informação.

Biólogos e bioquímicos, como um dos maiores deles, Ilya Prigogine que foi prêmio Nobel de química em 1977, falecido em 2003, afirmam que vigora uma continuidade entre os seres abióticos e bióticos, isto é, entre os seres vivos e inertes.

Não precisamos recorrer a um princípio transcendente e externo para explicar o surgimento da vida, como o fazem, comumente, as religiões e a cosmologia clássica. Basta que o princípio de complexificação e organização de tudo, também da vida, chamado de princípio cosmogênico, esteja presente na minúscula esfera primordial, esta sim criada por uma inteligência suprema, um infinito amor e uma eterna paixão.⁶

Efetivamente, esse princípio já funciona no primeiríssimo princípio após a grande explosão ou fase inflacionária: tudo, desde o início, interage e estabelece um diálogo criador com tudo o que está em torno. O universo se cria e se diferencia a partir da energia e da matéria iniciais, na medida em que avança. Nele atua continuamente o princípio cosmogênico e a autopoiese, ou melhor, a auto-organização⁷, responsáveis pela evolução e emergência de todos os seres.

A vida, pois, representaria a realização de uma possibilidade presente na própria matéria e energia originárias. Efetivamente, tal evento maravilhoso ocorreu num minúsculo planeta do sistema solar que é a nossa ainda nova Terra.

Já referimos anteriormente o processo de emergência da primeira célula

⁶ Cf. BOFF, Leonardo, *Ética da Vida*. Brasília: Letra Viva, 1999.p. 70.

⁷ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 51-53.

viva, Áries, a partir dos 20 aminoácidos existentes no mar. Estes se organizam em estruturas estáveis e dão origem às proteínas, aos glicídios, aos lipídios e aos ácidos nucléicos, principais constituintes dos organismos vivos.

Do código do ácido nucléico surge a molécula ADN, que se encarrega de reproduzir cópias dela mesma, e a ARN, que também se reproduz, mas cuja função específica consiste em transmitir a informação genética, indispensável para o fabrico das proteínas, necessárias à alimentação da vida.

Esses sistemas químicos se estabilizam, se conglomeram, formando, na água, moléculas maiores. Deles se originam os colóides (espécie de geléias mais ou menos fluidas) que absorvem moléculas orgânicas do meio ambiente.⁸ Acumulam internamente mais energia e formam uma membrana pela qual se protegem do meio e seleccionam os materiais necessários para manter seu equilíbrio.

A origem da eclosão de vida continua sempre misteriosa porque nela entram simultaneamente o acaso e a necessidade (T. Monod) e a lógica da complexificação e da evolução regidos pelo princípio cosmogênico.⁹

Por um lado existe um continuum complexo, de natureza físico-química; mas esse continuum é entrecortado por saltos como, por exemplo, o que já referimos sobre a separação entre meio interno e meio externo, as trocas de energias e principalmente o salto de uma organização química a uma auto-eco-reorganização, munida de informações da cadeia de ADN, que lhe permitem continuamente se auto-organizar, auto-reparar, auto-reproduzir em diálogo com o meio ambiente.¹⁰

Tudo parece secundar a hipótese segundo a qual a vida resulta de um processo de evolução altamente complexo que criou grandes probabilidades, associadas a acumulações de acasos, que propiciaram esta eclosão única. Um dos

⁸Cf. MORIN, E., *Terre-Patrie*, Paris, Seuil, 1993, p. 53; Jantsch, E. *The Self-Organizing Universe: Scientific and Human Implications of the Emerging Paradigm of Evolution*, Nova York, Pergamon Press, 1980.

⁹ BOFF, Leonardo, *Ética da Vida*; ... op.cit .p. 72.

¹⁰ Cf. JANTSCH, E. *The Self-Organizing Universe: Scientific and Human Implications of the Emerging Paradigm of Evolution*, Nova York, Pergamon Press, 1980. p. 53.

descobridores da cadeia ADN/ARN, professor Crick, levanta até a hipótese da origem extraterrestre da vida. É mérito da astronomia na faixa milimétrica ter identificado mais de 60 espécies de moléculas diferentes no gás interestelar, especialmente, nos discos achatados, feitos de poeira, ao redor das estrelas jovens.

Estas moléculas vão desde as mais simples, como as de hidrogênio e monóxido de carbono, até moléculas complexas como o etanol e as cadeias acetilênicas longas, etc. No conjunto das moléculas identificadas se encontra tudo o que se acredita ser essencial para dar início ao processo de síntese biológica.¹¹ Nos meteoritos encontraram-se aminoácidos. Esses sim são os eventuais portadores das arquiactérias da vida. Houve provavelmente vários começos da vida, muitos frustrados até que um definitivamente perdurou.

Presume-se que as mais diversas formas de vida se originaram todas de um único vivente, Áries, 4 bilhões de anos atrás. Ele se reproduziu, se transformou, se difundiu a todos os quadrantes, se adaptou aos mais diversos ecossistemas, nas águas, nos solos, nos ares. Há cerca de 600 milhões de anos começou-se a formar uma espantosa diversificação das formas de vida, plantas, invertebrados e vertebrados, répteis e mamíferos.¹²

Com os mamíferos surge uma nova qualidade da vida, a sensibilidade emocional, na relação sexual e na relação mãe-filho, o que marcará indelevelmente a estrutura psíquica dos viventes com sistema nervoso central. Dentre os mamíferos, há cerca de 70 milhões de anos, se destacam os primatas e depois, por volta de 35 milhões de anos atrás, os primatas superiores, nossos avós genealógicos, e, há 17 milhões de anos, nossos predecessores, os hominídeos, para, por fim, há cerca de 10 milhões de anos, emergir na África o ser humano.¹³

Por fim, o homem-mulher é o derradeiro rebento da árvore da vida, a expressão mais complexa da biosfera, que, por sua vez, é expressão da hidrosfera, da geosfera, enfim, da história da Terra e da história do universo.

Não vivemos sobre a Terra somente. Somos filhos e filhas da Terra, mas

¹¹ Cf. LONGAIR, M., *As origens de nosso universo*, op. cit; 65-66.

¹² Cf. WILSON, E. O., *A diversidade da vida*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994. p. 14 -19.

¹³ Cf. REEVES, H. et ali, *A mais bela história do mundo*, Petrópolis, 1998.

também membros do imenso cosmos. Os bilhões de partículas que entram na composição de nossa identidade surgiram 15 bilhões de anos atrás, outras peregrinaram pelo universo há milhões de anos, vindas das estrelas mais distantes, os átomos de carbono indispensáveis à vida terrestre se formaram na fornalha turbilhante dos sois anteriores ao nosso Sol. O *homo sapiens/ demens*, do qual somos herdeiros imediatos, emergiu, finalmente, há 50 mil anos, carregando no tecido de seu corpo e nas incisões da sua psiqué a história bilionária de todo o universo.

As características da vida são a *auto-organização*: as partes estão num todo orgânico e as funções são diferenciadas e complementares; a *autonomia*: cada ser existe em si, mas ao mesmo tempo existe dos outros e para os outros, portanto, não goza de independência, pois está sempre interagindo com o meio; *adaptabilidade* ao meio: por ela garante seu equilíbrio frágil, sobrevive e expande o sistema vida, *reprodução*: é a qualidade originalíssima da vida, pois se transmite idêntica a si mesma dentro de uma mesma espécie; por fim, a *autotranscendência*, pois está sempre aberta a novos patamares de evolução e a novas formas de expressão.

Ilya Prigogine caracterizou os seres vivos como “estruturas dissipativas” Como já explicamos anteriormente, com esta expressão quisemos qualificar sua característica dinâmica. São sistemas abertos, com um equilíbrio que deve ser continuamente refeito mediante sua auto-organização e um nível cada vez mais elevado de ordem interna.¹⁴

Os seres vivos consomem energia do meio e com isso geram entropia, mas também pela ordem interna e auto-regulação escapam de certa forma da entropia, ou seja, a isto chamamos segunda lei da termodinâmica, que dissipam as forças que levam a uma crescente desordem até o caos total.

A tendência dos seres vivos é serem cada vez mais ordenados e criativos e por isso antientrópicos. A própria desordem é um indício de uma nova ordem que

¹⁴ Cf. PRIGOGINE, Ilya, "Dissipative Structures in Chemical Systems", in Stig Claesson (org.), *Fast Reactions and Primal, Processes in Chemical Kinetics*, Interscience, Nova York, 1967.

vai emergir. Assim, pois dizemos que o caos é generativo.¹⁵ A partir da vida, a matéria não aparece como algo inerte. Cada partícula que entra na formação da vida possui uma história, daí a importância do tempo junto com as quatro energias fundamentais e as demais constantes cosmogênicas universais, fruto das interações com outras partículas e das mudanças irreversíveis. Por isso a matéria possui interioridade e vida.

Segundo Jacques Monod, a vida não é só fruto do acaso.¹⁶ Bioquímicos e biólogos moleculares mostraram com a ajuda dos computadores de números aleatórios a impossibilidade matemática do acaso puro e simples. Para que os aminoácidos e as 2.000 enzimas subjacentes pudessem se aproximar, constituir uma cadeia ordenada e formar uma célula viva seria necessário mais tempo - trilhões e trilhões de anos do que atualmente o universo tem. As possibilidades são de dez na potência mil contra um. Se o acaso possui alguma importância é no sentido do princípio de indeterminação da física quântica, introduzido por Werner Heisenberg.

A vida se encontra, portanto, dentro das possibilidades da matéria e da energia primordiais. Como disse bem o filósofo Jean Guitton: "o que chamamos de acaso é apenas nossa incapacidade de compreender um grau de ordem superior", manifestado pelo fenômeno da vida.¹⁷

2.2

A consciência é cósmica e pessoal

A consciência é a forma mais alta de vida. Como o universo, a vida e cada ser possuem sua genealogia. Da mesma forma a consciência. Ela também tem o

¹⁵ Cf. PRIGOGINE, Ilya; I. STENGERS, *Order out of Cha (Ordem a partir do caos)*, Bantam, Nova York, 1984; ...op. cit. p 156-157.

¹⁶ Cf. MONOD, Jacques, *O acaso e a necessidade*, Petrópolis, Vozes, 1979. p. 17-18.

¹⁷ Cf. GUITTON, Jean, *Deus e a ciência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, p. 58-60.

seu lugar dentro do universo e é uma expressão de relações da matéria e da energia primordiais em densíssimo grau de complexidade e relacionalidade. Neste sentido, possui a mesma ancestralidade que o cosmos.

Pensadores que vêm da nova física e que combinam vários saberes derivados da moderna cosmologia e da própria tradição filosófica da humanidade, como David Bohm, H. Frohlich, J. Crook, I N. Mashall, D. Zohar, entre outros, sustentam a tese de que a consciência se apresenta como um fenômeno quântico. Por isso, nós, seres humanos conscientes, somos parte integrante do universo¹⁸ e não um ser errático que veio de uma realidade fora da nossa cósmica.

Não temos hoje dificuldades em admitir a evolução de nosso ser físico e sua origem cósmica. Devemos igualmente identificar a origem de nosso ser mental até suas origens nas partículas elementares.

Tentemos explicar brevemente esse tipo de compreensão. A física que aqui chamaremos de mecânica quântica é aquela teoria científica, elaborada nos primeiros anos do século XX, que ultrapassa a visão clássica do átomo, como a última partícula indivisível de matéria, para se deter na análise das partículas elementares que entram na composição do átomo. O núcleo é composto de prótons e nêutrons, por sua vez, compostos de quarks e de cerca de outras 100 subpartículas como o quark top, que é a menor de todas; já o conjunto das partículas é chamado de hádrons e existem ainda os elétrons que saltitam ao redor do núcleo.

Na verdade, na teoria quântica, se passou das partículas às ondas de energia, porque elas configuram energia densificada, chamada de quantum ou pacotes de ondas. O que existe é um campo energético de acordo com a teoria quântica relativista dos campos. Ele representa uma espécie de quadro resultante das interações contínuas das partículas entre si. Elas nunca existem em si, mas sempre relacionadas umas com as outras. O efeito dessa teia permanente de relações é exatamente o campo.

Quando se quer enfatizar a dimensão energia como onda do campo, se fala

¹⁸ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 81.

de "bósons". Quando se quer sublinhar a dimensão matéria partícula do mesmo campo, se fala de "férmions". Assim, pois, "bósons" é a relação e "férmions" é a coisa relacionada. Tudo, também nós, humanos, somos compostos de bósons e de férmions. Férmions em nós é nossa dimensão individual e corporal. Bósons é nossa dimensão relacional e espiritual.

A novidade da teoria relativista quântica é dizer que toda realidade fenomênica é uma realidade quântica. Ela se apresenta sempre sob dois aspectos: o de onda e o de partícula simultaneamente. Partícula e onda (o campo) provêm de algo ainda mais básico, não perceptível por nenhum instrumento, mas deduzido pela dinâmica mesma do campo que continuamente remete a algo mais fundamental do que ele.

É chamado, muito inadequadamente, de "vácuo quântico". Ele não é vazio, como a palavra "vácuo" sugere, representa o campo dos campos, o abismo de energia, o oceano de forças no qual tudo acontece e do qual tudo emerge para fora. O que emerge aparece ora como onda energética, ora como partícula material, ora como sendo onda e partícula simultaneamente e de forma complementar. Tudo sai do vácuo quântico e tudo retoma a ele.

A teoria da relatividade de Albert Einstein comprovou que massa e energia são conversíveis. A energia pode virar matéria e a matéria pode virar energia. Melhor ainda: matéria é energia concentrada e estabilizada que pode se transformar novamente em energia. Assim, por exemplo, a conversão de um só grama de matéria em energia pura libera calor suficiente para fazer evaporar 34 bilhões de gramas de água, quer dizer, 34 milhões de litros de água.

Como surge a consciência dentro dessa compreensão da realidade composta sempre de partículas e ondas? Antes, entretanto, precisamos definir o que se entende por consciência. Ela representa o que se chama um holismo relacional.

No contexto da reflexão quântica, ela é tomada no seu sentido mais amplo e abrangente possível. A essência da consciência é uma totalidade permanente e indivisível ou uma unidade coerente que resulta do conjunto das relações e por

isso se chama holismo, significando unidade na diversidade e diversidade na unidade, que um ponto estabelece com tudo o que está ao seu redor, que vem do passado e que se anuncia para o futuro.

A consciência é essencialmente relação por todos os lados e em todas as direções, como já o afirmava a tradição filosófica das várias culturas, especialmente a ocidental, quando procura entender o que seja a pessoa como ser de relações.

Ora, encontramos essa estrutura de relação, como vimos anteriormente, já no primeiríssimo momento da expansão/explosão primordiais. Quando dois prótons, lá primitivamente, se relacionam, se sobrepõem e participam de um mesmo campo, constituem uma unidade mínima. Aparecem, portanto, como bósons, ou seja, partículas que se relacionam.

A expansão evolucionária da matéria/energia consiste em aumentar exponencialmente as relações e a criação de unidades cada vez mais complexas. Portanto, aquilo que constitui a estrutura básica da consciência - a relação e a criação de unidade - já estava presente nas origens do universo. Observou-se que, quando essa unidade atinge certo nível muito complexo, consequência de maior sobreposição de ondas (bósons), emerge a matéria viva.

Em física quântica se chama a este fenômeno de unidade vital "condensado Bose-Einstein". Quando a matéria viva ganha, por sua vez, uma complexidade muito maior ainda, com o aparecimento do cérebro, verifica-se, num certo momento, que os componentes materiais do tecido nervoso (neurônios) começam a vibrar em uníssono; não apenas se comportam como um todo, mas se tornam, efetivamente, um todo.

Em outras palavras, os bósons relacionados se sobrepõem totalmente, formando um campo permanente de unidade. Essa unidade relacionada e holística está em contato com o meio, recebe todo tipo de informações e as ordena em sua unidade básica. É o surgimento da consciência humana. Em termos técnicos da física quântica significa: surgiu um condensado Bose-Einstein de tipo Frohlich (cientista inglês que identificou essas vibrações nos neurônios há mais de 20

anos).

A consciência, analogicamente, é como um quadro-negro básico. Através da interação com o meio ambiente, a consciência recolhe informações, as inscreve nesse quadro-negro, as retrabalha e enriquece assim sua unidade fundamental.

Como mostrou Prigogine, todos os sistemas vivos são abertos, tomam matéria desestruturada do meio, estabelecem com ela uma interação e, pela capacidade auto-organizadora própria de todos os seres vivos, cria-se uma ordem nova mais alta. A matéria dentro desta ordem realiza potencialidades que lhe é inerente, mas que somente se concretiza no nível dos seres vivos e dos seres conscientes, é o que se chama de sistemas Prigogine de tipo Frohlich.

A diferença entre os seres vivos e os "inertes" reside no grau de densificação das relações. Nos seres "inertes" os bósons estão menos conglomerados, predominam os férmions, isto é, as coisas em si, embora sempre dentro da teia de relações. Nos seres vivos adensam-se mais os bósons, formando os condensados Bose-Einstein, até na máxima concentração de tipo Frohlich, gestando uma unidade indivisível, sinfônica: a consciência humana. A diferença entre um e outro não é, pois, de princípio, mas de grau. O princípio da relação e da capacidade de constituir unidades é parceiro da criação. Está lá agindo desde o princípio.

A consciência possui, pois, sua longa genealogia. Ela alcança um nível cósmico. Começou na sua forma mais rudimentar, na unidade primordial das primeiras duas partículas elementares que interagiram e se relacionaram. Foi ascendendo, à medida que crescia o leque de relações, num diálogo dinâmico com o meio (com os férmions), até chegar à complexidade suprema que se traduz em consciência reflexa. Desde então, o campo da consciência (bósons) e o campo da matéria (férmions) estão num permanente diálogo, causando ordens cada vez mais ricas, abertas e mais aceleradas em todos os campos, da cultura, da sociedade, das religiões e da inteira humanidade.

A consciência está empurrando o universo no sentido de aumentar os ritmos da evolução, de ser mais ordenado e mais carregado de direção, mesmo que

isso possa ocorrer com o sinal invertido, dado o caráter demens do ser humano. Mas a tendência é de ascensão e não de decadência. Quando a consciência se transforma em ato de comunhão com o todo e de amorização com cada expressão de ser, o universo chega a si mesmo e se realiza mais plenamente. A aliança ecológica de integração e reconciliação é selada.

A consciência não é, pois, uma qualidade da matéria, mas uma relação entre partículas elementares em seu aspecto onda, tão complexa e de tal intensidade que todas elas se sobrepõem e criam um todo unitário estável. Somos, portanto, feitos do mesmo material e fruto da mesma dinâmica cosmogênica que atravessa todo o universo.

A consciência é em última análise um tipo especial de relação, relação que constitui tudo o que existe no cosmos. E assim também o ser humano, pela consciência, se encaixa plenamente no sistema geral das coisas. Ele não está fora do universo em processo de ascensão. Encontra-se dentro, como parte e parcela, capaz, entretanto de saber de si, dos outros, de senti-los e de amá-los.

2.3

Os seres humanos como concriadores do cosmos

A descoberta fundamental da nova física, posterior à moderna, que vem de Isaac Newton e Galileu Galilei, reside na verificação de que tudo pode ser matéria e energia, de que energia e matéria são convertíveis, de acordo com a teoria da relatividade de Albert Einstein.

Igualmente, a matéria pode ser afinada cada vez mais dos seres físicos que sentimos, passamos para o átomo, para as partículas elementares, para os quarks, que são as menores entre as menores das partículas (o quark top é a menor de todas), até chegarmos ao campo energético, que significa um jogo entrelaçado de partículas e energias, e por fim ao vácuo quântico, que é o derradeiro útero do qual tudo vem e para o qual tudo vai.

Ele possui o caráter de inominável. Diante dele toda linguagem se cala¹⁹. A linguagem vem somente depois. Ela não consegue falar do que vem antes. Quem usa esta linguagem não são teólogos, mas cientistas modernos, astrofísicos e cosmólogos.

Uma outra descoberta da nova física consiste em verificar que toda a realidade subatômica e elementar, de onde vem nosso mundo universo e nós mesmos, sempre se apresenta na forma de onda energética e de partícula material de acordo com a teoria quântica de Niels Bohr e de Max Planck.

Cada entidade elementar pode ser igualmente descrita seja como partículas sólidas (bilionésimos de milímetros de tamanho, até as partículas incomensuráveis, captadas apenas pelos seus efeitos), seja como ondas como aquelas do mar (elas aparecem em pacotes chamados de *quantum* de energia). Entretanto, nenhuma descrição é completa se não tomarmos em conta as duas perspectivas juntas. Há uma dualidade básica na realidade, mas essa dualidade não funda um dualismo porque os dois pólos da dualidade são complementares. A matéria se manifesta, portanto, através desta dualidade partícula/ onda. Ela é essa dualidade.

Assim, por exemplo, a luz pode ser descrita ou como partícula material (fótons) ou como energia. Mas somente captamos bem o fenômeno luz se trabalharmos com as duas possibilidades conjuntamente, partícula/onda. Analogamente, o ser humano é corpo e é espírito. Mas somente temos uma compreensão global dele se assumirmos corpo-espírito como realidades recíprocas e complementares. As duas juntas constituem o ser humano uno e único.

Aprofundando a pesquisa, físicos atômicos constataram que as entidades elementares não são nem totalmente onda nem totalmente partícula, mas uma mistura de ambas. A partícula possui sua dimensão de onda e a onda sua dimensão de partícula. Por isso onda/partícula vêm sempre juntas e se complementam. Ora predomina a dimensão de partícula na onda e então se fala de partícula, ora predomina a dimensão de onda na partícula e por isso se fala de onda.

¹⁹ Cf. EINSTEIN, A, *Como vejo o mundo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 12-14.

Embora sejam imprescindíveis para nos fornecer um quadro completo da realidade, as partículas/ondas não podem ser analisadas a um só tempo. Ou se mede a posição exata da partícula material e se perde a velocidade da onda, ou se mede a onda e se perde a posição da partícula.

Werner Heisenberg formulou em 1927 o princípio de indeterminação (*Unbestimmtheitsprinzip*). A situação é assim, não por nos faltarem instrumentos mais acurados de análise, mas pelo fato de a realidade mesma ser indeterminada e de caráter probabilístico.²⁰ Tudo pode acontecer, ora de um jeito, ora de outro e ainda de outra forma. Pode-se fazer previsões apenas na base do que é mais provável dadas certas condições globais da realidade.

E aqui se levanta a questão: se as coisas são assim, tudo na base da indeterminação, quem determinou que nós deixássemos de ser prováveis e passássemos a ser realmente existentes, as montanhas, o mar, as árvores, as pessoas humanas? Como é que alguma coisa pode existir? É aqui que o papel da consciência se torna fundamental.

Ela pode ser a ponte entre o mundo das partículas elementares e o mundo do nosso cotidiano, como tentou mostrar Danah Zohar em seu conhecido livro, *O Ser Quântico*²¹. A consciência se faz a concriadora do universo. Quanto mais consciência, mais criação, mais aceleração da evolução e mais ordem ascendente. E isso desde a grande expansão/explosão iniciais.

Heisenberg mostrou convincentemente que o observador entra na determinação do objeto observado. Se quero captar partículas e monto um aparelho para detectar partículas, capto a realidade como partícula. Se, contrariamente, quero registrar ondas e oriento o aparelho para as ondas, observo efetivamente ondas. Em outras palavras, o mundo subatômico só se define quando lhe aplicamos um instrumento de medida. Antes disso ele permanece indeterminado e provável, pode ser onda como pode ser partícula.

Quando não a observamos, a realidade elementar permanece aberta a todas

²⁰ Cf. BOFF, Leonardo, *Ética da Vida*; ... op.cit .p. 74 ss.

²¹ Cf. ZOHAR, Danah, *O Ser Quântico*, São Paulo, Best Seller, 1991.

as probabilidades e opções. O mundo ganha forma concreta somente no último momento, no instante em que é observado. Antes ele não é real. Só a partir do diálogo com o observador ele constitui a nossa realidade.

Por que é assim? Porque formamos um todo organicamente articulado e re-ligado. Não existe um ser desgarrado do outro. O observador está unido, mesmo que não tenha consciência disso, ao objeto observado. E o objeto observado se mostra unido ao observador. Eles interagem, estabelecem uma dialog-ação criativa, surge uma religação e assim irrompe toda a realidade.

Einstein ironizava, inicialmente, esta compreensão, dizendo:

“Deus não joga dados” Outro retrucava: “Que Einstein deixe de dar conselhos a Deus! Na verdade, Deus e a consciência jogam dados, sim, os quais, porém, caem certos nas posições que se apresentam mais prováveis em cada momento.” Ou então: “Deus joga dados lá onde nós não podemos ver.”²²

Quando falamos de observador, não pensamos apenas no ser humano que observa e pesquisa a realidade. Trata-se de um conceito epistemológico, vale dizer, de um instrumento de compreensão que nos permite entender e esclarecer a interdependência dos fenômenos cósmicos.

Observador é, pois toda entidade que dialoga e interage diante da outra. Assim um próton interage em face de outro próton, trocam mutuamente energias, criam juntos um sistema de relações que os envolve. Um não fica sem o outro. Ambos guardam informações deste encontro. Por mais distantes que estejam, seja no mundo subatômico ou no macrocosmos, eles formam um único sistema.

O caráter de irreversibilidade do tempo/encontro foi analisado com detalhe por Ilya Prigogine.²³ Ele mostra que as informações são carregadas pelo tempo e entram nos outros encontros e qualificam as realidades com estas experiências acumuladas. Vigora, pois, sempre um diálogo entre as entidades, uma re-ligação e uma aliança de trocas.

Da mesma forma a bactéria interroga o mundo, decodifica os sinais

²²Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 87; WEIDEMANN, V., *Das inflationare Universum. Die Entstehung der Welt aus dem Nichts*, em Müller, H. A. et al., *Naturwissenschaft und Glaube*, Berna, Scherz, 1985, p. 360.

²³ Cf. PRIGOGINE, I, *La nascita del tempo*, Milão, Bompiani, 1991

químicos pelos quais ela mesma se orienta. Tanto ela quanto os prótons são ambos observadores, neste sentido epistemológico.

Dizíamos que, quando se dá o primeiro encontro entre duas ou mais entidades elementares, já começa a se gestar uma unidade mínima, aquilo que chamávamos o grau menor da consciência. Quanto mais rico é o encontro, mais complexa será a realidade e mais transparente o grau de consciência. Todos estes processos de relacionamento significam o observador: a "consciência" no mundo material, no vegetal, no animal e no mundo humano. As pedras, as plantas e os animais, à medida que se encontram dentro da teia das interações, são também eles concriadores do universo.

Fundamentalmente o que existe primeiro é um número indeterminado de probabilidades de seres; os físicos quânticos chamam a isso de "pacotes de ondas", cada pacote com sua velocidade, sua posição e sua trajetória. No momento em que é observado, verifica-se um "colapso da função de onda": Quer dizer, somente uma partícula, aquela observada, se materializa e se torna existente. Todas as demais probabilidades entram em colapso e desaparecem, voltando ao vácuo quântico.

A nossa realidade terrenal, pois, foi objeto de uma observação, de um encontro, diálogo, interação. Quem a observou por primeiro? Foi a consciência existente desde o momento da criação e pelo tipo de consciência que constitui a consciência humana. Para o grande físico John Weehler, o universo é participatório, é uma rede intrincadíssima de relações, envolvendo tudo e a todos, especialmente os humanos.²⁴

Cabe, por fim, uma derradeira pergunta: o universo como um todo não foi também ele observado? Havia uma onda universal. E ela, pela ação do observador externo, entrou em colapso de onda, também universal. Como resultado surgiu este universo concreto que temos, do qual nós somos parte, resultado do colapso universal da onda universal.

Mas, finalmente, quem é esse observador externo absoluto que fez

²⁴ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 88

colapsar a onda universal e assim dar origem ao imenso universo? Quem é ele? Seu nome deve ser pronunciado com sumo respeito, porque Ele é inefável e, por conseguinte, não cabe em nenhuma palavra. Seu nome sem-nome é Deus-Mistério. Mas antes importa captar a singularidade de cada indivíduo pessoal e consciente, um colapso de onda singularíssimo.

2. 4

A irreduzibilidade de cada ser humano

Por mais que sejamos parte do universo quer como onda universal colapsada ou como um elo na imensa corrente dos seres e dos viventes, cada ser humano individual, Gean, Débora, Emanuel, Francisco, Maria da Paz, etc., possui sua singularidade irreduzível.

Para Leonardo Boff, cada ser possui a sua singularidade. Mas no ser humano esta singularidade é dupla. É singular e se sabe conscientemente singular²⁵. Cada um possui a sua haecceitas, dizia um filósofo-teólogo medieval, dos mais sutis e geniais, João Duns Scotus, falecido em 1346. Para ele, haecceitas significa "esta concreção aqui bem definida" expressão que vem de haec, que significa este aqui, estidade.

Boff, afirma que a individualidade não é um número. É a negação do número na medida em que é singular e irrepitível de forma consciente. Cada um é

²⁵ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. ...op. cit, p. 89.

ele mesmo (mesmidade e estidade) de uma forma original, não antes experimentada nem depois repetível. É Lógico, ele possui uma infra-estrutura comum, com os elementos do universo, oxigênio (65%), carbono (18%), hidrogênio (10%), nitrogênio (3,3%) e outros elementos que, com exceção do hidrogênio, foram todos produzidos nas estrelas, há bilhões de anos, com o mesmo código genético de todos os viventes a partir de onde fundamos nossa fraternidade e sororidade cósmica, a mesma inscrição bio-sócio-antropológica.²⁶

Digamos, num encadeamento de instâncias: o ser humano é um animal da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero homo, da espécie sapiens/demens, dotado de um corpo de 30 bilhões de células, procriado e controlado por um sistema genético que se formou ao largo de 4,5 bilhões de anos, cuja psique, com igual ancestralidade do corpo, é capaz de formar visões globais e análises detalhadas e constituir unidades indivisíveis a partir da vibração uníssona de cerca de 10 milhões dos 10 bilhões de neurônios do cérebro, o que lhe permite criar e recriar simbolicamente o universo e decifrar um sentido derradeiro e globalizador.

Cada um é portador consciente e inconsciente desta riqueza da natureza e da cultura. Mas o é de forma sui generis, singular e irrepitível. Cada um faz a sua síntese da totalidade. Cada um pode transformar, do seu jeito, todas as experiências e conhecimentos num ato de amor, quer dizer, num ato de acolhida e afirmação do universo, numa entrega desinteressada ao outro e numa abertura ilimitada ao Mistério, que as religiões convencionaram denominar Deus. Ou também pode negar-se a isso tudo, viver um projeto de rebelião contra o sentido do universo e secundar atitudes de exclusão.

Eis, portanto, a grandeza e a tragédia humanas. Aqui não tem a ver com quantidades, mas com uma qualidade nova da criação expressa pelo pathos (afetividade), pelo logos (razão), pelo eros (paixão), pelo nomos (lei), pelo daimon (voz interior) e pelo ethos (ética) humanos. É só neste nível que pode ocorrer a tragédia ou a realização, o sentimento de frustração ou de bem-aventurança, à medida que o ser humano descobre o seu lugar nessa totalidade complexa ou dela

²⁶ Cf. idem, p. 90

se aliena e se extravia.

O indivíduo-pessoa, quer dizer, um ser irreduzível (indivíduo), mas sempre em comunicação (pessoa), funda um milagre no universo e um mistério abissal. A atitude mais coerente e adequada em face do indivíduo-pessoa - milagre e mistério - é a admiração, a veneração e a abertura e a escuta para captar-lhe a mensagem e a novidade singular.

Desse modo, portanto, se compreende que enquanto indivíduo-pessoa cada um está imediatamente diante de Deus; só a ele responde definitivamente. Esse ser humano coloca existencialmente a questão radical sobre o universo, sobre seu donde, sobre seu para onde, que sentido tem e que significado possuímos nós com nossas indagações sobre a vida e o absoluto.²⁷

O ser humano contemporâneo, estarecido, coloca a questão da grande ameaça que pesa sobre todo o sistema-Terra. Perdeu-se o fio que ligava e religava todas as coisas formando uma unidade de sentido e de vida.

2. 5

A escuta do grito do oprimido

A Igreja sempre teve uma especial predileção pelos pobres. Movidos pelo ‘a mim o fizestes’(Mt 25, 40), ao longo dos séculos, muitas e variadas formas de obras de caridade se sucederam, congregações foram criadas e santos e santas canonizados, a partir da dedicação para com os pobres. No entanto, na teologia da libertação, o pobre emerge não como ‘objeto’, mas como sujeito epistemológico. A reflexão se faz ‘a partir do pobre e do oprimido’. Esta é a grande novidade

²⁷Cf. *Ibidem*, 91.

trazida pelos teólogos da libertação.

O pobre se torna assim um ‘lugar teológico’. Ele aparece no cenário teológico não por romantismo ou demagogia, mas pela complexidade de sua situação que provoca no cristão uma indignação ética e possibilita uma experiência de encontro com Jesus.²⁸

A partir desta centralidade do pobre, a teologia se torna ato segundo. O ato primeiro consiste justamente na vivência no mundo dos pobres. Por isso, o teólogo (a) da libertação não pode ser um ‘teórico de gabinete’, mas alguém profundamente comprometido com suas causas e suas lutas.²⁹

“Todo método teológico possui dois momentos, o *auditus fidei* e o *intellectus fidei*, os quais juntos constituem a teologia. Escutando a fé a partir do mundo dos pobres, a teologia da libertação realiza o *intellectus fidei* como *auditus fidei* e o *intellectus amoris*. É uma reflexão sistemática que suscita solidariedade para com os pobres, na firme convicção de que o Reino de Deus incide diretamente na história.”³⁰

Devemos reconhecer que a teologia da libertação não nasceu no horizonte da preocupação ecológica e da vida como a desenhamos anteriormente. O fato maior e desafiador não era a Terra como totalidade ameaçada, mas os filhos e filhas da Terra explorados e condenados a morrer antes do tempo, os pobres e oprimidos.³¹

Podemos indagar como se situa a teologia da libertação diante da preocupação ecológica, da ética e da vida. As intuições fundamentais da Teologia da Libertação têm a ver diretamente com a ecologia e com a vida como um todo, pois o pobre e o oprimido são membros da natureza e sua situação representa objetivamente uma agressão ecológica. Mas tudo isso era pensado dentro de um horizonte histórico-social mais estrito e no contexto da cosmologia clássica

²⁸ Cf. GONÇALVES, P. S. L. *Liberationis Mysterium*, p. 32.

²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 39.

³⁰ Cf. *Ibidem*, p.41.

³¹ Cf. ASSMANN, H., "Teologia da solidariedade e da cidadania, ou seja, continuando a teologia da libertação", em *Notas, Jornal de Ciências da Religião*, n. 2 (1994): 2-9. 13 Ver o já clássico livro de Boff, C., *Teologia e prática*, Petrópolis, Vozes, 1993.

O fato maior que deslanchou a teologia da libertação, ainda nos anos 1960, foi a indignação ética como verdadeira iracúndia sagrada dos antigos profetas em face da pobreza e da miséria coletiva das multidões principalmente no então chamado Terceiro Mundo.

Essa situação parecia e ainda parece inaceitável a partir de uma sensibilidade humana mínima e especialmente a partir da consciência cristã que lê no rosto do pobre, do marginalizado e excluído a atualização da paixão do Crucificado que grita e quer ressuscitar para a vida e para a liberdade.

A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua libertação constituiu e continua a constituir o núcleo axial da teologia da libertação. Optar pelos pobres implica uma prática: significa assumir o lugar do pobre, sua causa, sua luta e, no limite, seu destino muitas vezes trágico.

Nunca na história das teologias cristãs, o pobre ganhou tanta centralidade. Procurar construir toda a teologia a partir da perspectiva das vítimas para denunciar os mecanismos que as fizeram vítimas e ajudar, com a bagagem espiritual do cristianismo, na sua superação mediante a gestação coletiva de uma sociedade com mais chances de vida, de justiça e de participação é, pois a intuição singular da teologia da libertação.

Por isso o pobre ocupa, para ela, o lugar epistemológico central, quer dizer, o pobre constitui o lugar a partir do qual se procura pensar o conceito de Deus, de Cristo, da graça, da História, da missão das Igrejas, o sentido da economia, da política e o futuro das sociedades e do ser humano.³²

A partir da perspectiva do pobre nos damos conta o quanto as atuais sociedades são excludentes, o quanto as democracias são imperfeitas e algumas religiões e Igrejas estão atreladas aos interesses dos poderosos. Sabemos que desde os primórdios o Cristianismo cuidou dos pobres (cf. Gl 2, 10). Mas nunca se lhe tinha dado tanta centralidade teológica e político-transformadora como lhe foi conferido pela teologia da libertação.

³² Cf. SEGUNDO GALILEA, *Teologia da Libertação: ensaio de síntese*, p. 21-23.

O pobre nunca foi entendido por ela, num sentido reducionista ou meramente pauperista. O pobre não configura apenas um ser de necessidades, mas significa também um ser de desejos, de comunicação ilimitada, de fome, de beleza, de poesia.

O pobre como todo o ser humano bem dizia o poeta cubano José Roberto Retamar, tem duas fomes fundamentais, uma de pão, que é saciável, e outra de beleza, que é insaciável. Por esta razão a libertação nunca pode ser regionalizada no nível material, social ou meramente espiritual. Só é verdadeira quando se mantém aberta à integralidade das exigências humanas.

Foi mérito da teologia da libertação ter afirmado sempre seu caráter integral desde os seus primórdios em razão da correta interpretação do que seja libertação humana e não por exigência das autoridades doutrinárias.

A libertação não é somente autêntica quando guarda seu caráter integral, mas também e principalmente quando é efetivada pelas próprias vítimas, pelos próprios pobres. Talvez aqui resida uma das singularidades da teologia da libertação em face de outras práticas da tradição eclesial cristã que também se preocuparam com os pobres.

A compreensão comum considera o pobre como aquele que não tem alimentação, abrigo, vestimenta, trabalho, cultura etc. Aqueles que têm, diz-se, devem ajudar aqueles que não têm, a fim de livrá-los das desumanidades da pobreza. Esta estratégia vem carregada de boa vontade e de reta intenção; ela subjaz a todo assistencialismo e paternalismo históricos. Mas ela não é eficiente nem suficiente. Não liberta o pobre, pois o mantém em regime de dependência; o que é pior, também não valoriza o potencial libertador do pobre. Ele não é apenas aquele que não tem; ele também tem cultura, capacidade de trabalhar, de colaboração, de organização e de luta.

Somente quando o pobre confia em seu potencial e opta por outro pobre, criam-se as verdadeiras condições para a libertação autêntica. Como se canta nas comunidades eclesiais de base: "eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor". O pobre transforma-se em sujeito

histórico de sua própria libertação,³³ ele se faz livre, capaz de autodeterminar-se para a solidariedade com o outro diferente dele para serem juntos livres numa sociedade mais justa, fraterna e ecologicamente integrada.

Para Clodovis Boff, não são as Igrejas que libertam o pobre, nem o Estado beneficente quer seja ele socialista ou social-democrata, nem as classes que os assistem. Podem ser aliados dos pobres à condição de não lhes subtrair o protagonismo e a hegemonia.

Segundo o referido teólogo, somente podemos falar de libertação, quando o pobre mesmo surge como sujeito principal de sua caminhada, mesmo apoiado por outros aliados. Certamente um dos méritos permanentes da teologia da libertação, deve-se ao método que ela introduziu na reflexão teológica.³⁴

Ela não, parte das doutrinas feitas, nem do dado revelado tomado em si mesmo, nem das tradições cristãs somente. Tudo isso está presente no horizonte do cristão e do teólogo (a) como pano de fundo das convicções iluminadoras e no grau zero da reflexão, melhor, no horizonte prévio a qualquer conhecimento tematizado.

Mas ela parte concretamente da anti-realidade, do grito dos oprimidos, das chagas abertas que sangram já há séculos. Seu primeiro passo é honrar a realidade no seu lado mais dramático e problemático. É o momento do *ver*, do sentir e do sofrer os impactos da paixão humana, pessoal e social.

Trata-se de uma experiência global de compaixão, de protesto, de misericórdia e de vontade de ação libertadora. Isso supõe um contato direto com a anti-realidade, uma experiência de choque existencial. Sem esse passo inicial, dificilmente se deslança qualquer processo de libertação que vise à transformação social.

O segundo momento é do *julgar* analítico, num duplo sentido: no sentido do conhecimento crítico, através da mediação analítica e da iluminação a partir

³³ Cf. BOFF, Clodovis. *A Teologia da Libertação e a crise de nossa época*. In: *Teologia da Libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo: Atica, 1996. p. 98-113.

³⁴ Cf. BOFF, C., *Teologia e prática*, Petrópolis, Vozes, 1993.

dos dados da própria fé, ou seja, como mediação hermenêutica. Importa, todavia, decifrar as causas produtoras do sofrimento, buscar suas raízes culturais, no jogo das relações de poder econômico, político e ideológico.

A pobreza não é inocente nem natural, ela é produzida; por isso, o pobre é um explorado e um empobrecido. Foi mérito da racionalidade marxista ter mostrado que o pobre é um oprimido, alguém que foi desumanizado e excluído por um processo objetivo de espoliação de natureza econômica, política, ideológica ecológica e cultural.³⁵

Os dados da revelação, da tradição da fé, da prática cristã através dos séculos denunciam esta situação de pobreza como pecado, vale dizer, como algo que tem a ver também com Deus, negando a realização histórica de seu desígnio que passa pela mediação da justiça, da ternura para com o pobre, da participação e da comunhão.

Para a fé, o pobre representa o Servo sofredor e o próprio juiz supremo e escatológico. Por isso ele possui uma densidade teológica insuspeitável quando comparada com a degradação que a miséria e a pobreza produzem. Na lógica da fé é exatamente esta degradação a que provoca uma intervenção de Deus e sub contrario inaugura uma presença sacramental de Deus na história.

O terceiro momento é do *agir* transformador, o mais importante, pois é para ele que tudo deve culminar. Importa que a fé cristã dê a sua contribuição na transformação das relações de injustiça rumo a relações que propiciem mais vida e alegria de viver na participação e na qualidade de vida razoável para todos.

A fé cristã não detém o monopólio da idéia da transformação, mas se soma a outras forças que também assumem a causa e a luta dos pobres, contribuindo com sua singularidade religiosa e simbólica, com sua maneira de organizar a fé do povo e sua presença na sociedade.

A instância da fé e da Igreja não se situa no econômico, nem no diretamente político, mas no cultural e simbólico. Ela veicula mensagens

³⁵ Cf. ANDRADE, P. F. C. O significado permanente da Teologia da Libertação in *O mistério e a história*, p. 159.

poderosas que podem criar movimentos de solidariedade, projetar valores de resistência, de protesto e de compromisso pela libertação concreta dos oprimidos; pode organizar celebrações e alimentar o imaginário que lhe permite recusar a situação opressora presente e sonhar com outra possível e nova a ser concretizada pela prática histórica.

Por fim é o momento de *celebrar*. Trata-se de uma dimensão decisiva para a fé, pois aí emerge o lado mais gratuito e simbólico da libertação. Na celebração a comunidade cristã reconhece que os avanços concretos alcançados pelo compromisso são mais que dimensões sociais, comunitárias e políticas. São tudo isso, mas significam também os sinais antecipadores dos bens do Reino, o advento da redenção divina mediatizada pelas libertações histórico-sociais, o instante em que a utopia da libertação integral se antecipa sob frágeis sinais, símbolos e ritos.

A fé identifica o Espírito em ação nos processos de libertação. Detecta a força da ressurreição agindo no resgate da vida minimamente digna. Vê o Reino acontecendo processualmente dentro da história dos oprimidos. Tudo isso é desvelado na celebração e transformado em material de louvor a Deus.

Por causa do compromisso libertador, base da reflexão teológica, o cristianismo mostrou que a idéia de revolução/libertação/transformação não é monopólio das tradições esquerdistas mundiais, mas pode ser uma convocação da própria mensagem central do Cristianismo que anuncia alguém que foi um preso político, que foi torturado e cravado na cruz como consequência de sua prática de vida. Ressuscitando mostrou, para além de seu conteúdo estritamente teológico, a verdade desta prática e a realização utópica dos dinamismos da vida e da liberdade presentes no ser humano.

2.6

O pobre como o ser mais ameaçado da criação

Na análise das causas do empobrecimento que aflige a maioria da população mundial, a teologia da libertação se deu conta da vigência de uma lógica perversa. A mesma lógica do sistema imperante de acumulação e de organização social que leva a explorar os trabalhadores leva também a espoliar nações inteiras e por fim leva a depredar a natureza.

Cabe fazer um confronto entre os dois tipos de discurso, aquele da ecologia com o da teologia da libertação. Não se trata mais de fazer correções tecnológicas e redefinições sociais, embora devam ser sempre feitas, no estilo de reformas dentro da mesma lógica; importa superar esta lógica e o sentido de ser que os humanos se deram pelo menos nos últimos três séculos.

Não se poderá tratar a natureza e a vida como nossas sociedades tratam, como se fora um supermercado ou um balcão self-service. Ela é o patrimônio comum que está sendo impiedosamente depredado, mas que é urgente conservar.

Importa também garantir as condições de sua ulterior evolução para a nossa geração e para as futuras já que o universo inteiro trabalhou durante 15 bilhões de anos para chegarmos ao ponto que chegamos. De satã da Terra, o ser humano deve educar-se para ser o anjo da guarda, capaz de salvar a Terra, sua pátria cósmica e mãe terrenal.

Os astronautas nos habituaram a ver a Terra como uma nave espacial azul e branca que flutua no espaço sideral, carregando o destino comum de todos os seres. Ocorre que nesta nave-Terra um quinto da população viaja na parte reservada aos passageiros. Estes consomem 80% das reservas disponíveis para a viagem. Os outros quatro quintos viajam no compartimento de carga. Passam frio, fome e toda ordem de privações.

Os pobres e excluídos lentamente se conscientizam do caráter injusto desta distribuição de bens e serviços. Planejam rebeliões. Ou morremos passivamente de inanição, ou antes, cobramos transformações benfazejas para todos. O argumento não é difícil: ou nos salvamos todos dentro de um sistema de convivência solidário e participativo com e na nave-Terra ou pela indignação poderemos explodir a nave e precipitar a todos no abismo. Esta consciência está

umentando cada vez mais e pode ser aterradora.

Os últimos arranjos da ordem mundial hegemônica pelo capital sob o regime de mundialização e de neoliberalismo, trazem um progresso material fantástico. Utilizam-se tecnologias de ponta, da terceira revolução científica da informatização e das comunicações, que aumentam enormemente a produção. Entretanto, dispensam a mão-de-obra humana. O efeito social é perverso: grande exclusão de trabalhadores e de inteiras regiões do mundo, pouco interessantes para a acumulação do capital dentro de uma mentalidade da mais cruel indiferença.³⁶

Dados estatísticos referem que a acumulação hoje mundialmente integrada exige uma Hiroshima-Nagasaki a cada dois dias em vítimas humanas,³⁷ O progresso é imenso, mas profundamente inumano. Em seu centro não estão a pessoa e os povos com suas necessidades e preferências, mas a mercadoria e o mercado aos quais tudo se deve submeter.

Neste contexto, o ser mais ameaçado da criação não são somente as baleias, mas os pobres e excluídos, condenados a morrer prematuramente. Estatísticas da ONU dão conta de que, no mundo, 15 milhões de crianças morrem antes de concluir o quinto dia de vida em razão da fome ou das doenças da fome; 150 milhões são subnutridas e 800 milhões de pessoas vivem permanentemente com fome.³⁸

É a partir dessa catástrofe humana que arranca a teologia da libertação quando se confronta com a questão ecológica. Em outras palavras, parte da ecologia social, da forma como se relacionam os seres humanos entre si, os seres mais complexos da criação e como se organizam em sua relação para com os demais seres da natureza. Tudo é feito sob um regime de grande exploração e de cruel exclusão. Somos confrontados com o grito do oprimido e do excluído. O que mais urgentemente se busca é a justiça social mínima para garantir a vida e sua dignidade elementar.

³⁶ Cf. HINKELHAMMERT, E J., "La lógica de la expulsión del mercado capitalista mundial y el proyecto de liberación", em *Pasos*, San José, 1992.

³⁷ Cf. GARAUDY, R., *Le debat du siècle*, Paris, Desclée de Brower, 1995, p. 14.

³⁸ Cf. UNDP, *Human Development Report*, Oxford/Nova York, Oxford University Press, 1990.

A partir da consecução deste patamar básico de justiça social, isto é, uma relação social justa entre os seres humanos, se pode postular uma justiça ecológica possível, uma relação equilibrada dos seres humanos com a natureza também. Esta pressupõe mais que a justiça social. Pressupõe uma nova aliança dos humanos com os demais seres, uma nova cortesia para com o criado e a gestação de uma ética embasada no respeito e uma mística de fraternidade-sororidade para com a comunidade cósmica inteira. Pois a Terra também grita sob a máquina depredadora e mortífera de nosso modelo de sociedade e de desenvolvimento. Atender a estes dois gritos de forma articulada, vendo a mesma causa-raiz que os produz, é realizar a libertação integral.

O quadro sociopolítico para esta libertação integral é a democracia alargada e enriquecida. Esta democracia deverá ser biocracia, democracia sociocósmica, ou seja, democracia que seja centrada na vida, a partir da vida humana mais humilhada, que inclua os elementos da natureza como as montanhas, as plantas, as águas, os animais, a atmosfera e as paisagens quais os novos cidadãos participando do convívio humano e os humanos participando do convívio cósmico. Só então haverá justiça ecológica e societária com paz assegurada no planeta Terra.

A teologia da libertação deve assumir do discurso ecológico a nova cosmologia, quer dizer, a visão que entende a Terra como um superorganismo vivo articulado com o universo inteiro em cosmogênese. Deve compreender a missão do ser humano, homem e mulher, como expressões da própria Terra e como manifestações do princípio de inteligibilidade e amorização que existe no universo; que o ser humano - a noosfera - representa a etapa mais avançada do processo evolucionário cósmico no seu nível consciente e de co-pilotagem com os princípios diretores do universo que controlaram todo o processo desde o momento da inflação-explosão há 15 bilhões de anos.

O ser humano foi criado para o universo e não vice-versa, para realizar uma etapa mais alta e complexa da evolução universal. Para poder celebrar e glorificar o Criador que quis companheiros e companheiras em seu amor.

A partir deste transfundo, importa, em primeiro lugar, ampliar o sentido da

libertação. Não apenas os pobres e oprimidos devem ser libertados. Mas todos os seres humanos, ricos e pobres, porque todos são oprimidos por um paradigma que a todos escraviza, de maus-tratos da Terra, de consumismo, de negação da alteridade e do valor intrínseco de cada ser.

A modo de conclusão

É importante salientar que todos devem buscar um paradigma que permita que a vida se desenvolva como um super organismo vivo integrado e que fomente a solidariedade de todos os seres da criação, especialmente dos humanos. Em conformidade com Leonardo Boff e outros pensadores, sugerimos o paradigma da religião de tudo com tudo e que permita a emergência de uma religião, convergência na diversidade religiosa, que consiga a paz entre os humanos na Terra.

Importa também, redefinir o ponto de partida, que é a opção pelos pobres que inclui os seres mais ameaçados da criação. O primeiro deles é o próprio planeta Terra como um todo. Não entrou suficientemente na consciência universal ainda a aceitação de que o valor supremo é a conservação da vida e conseqüentemente do planeta Terra e a manutenção das condições para a realização da espécie humana.

Esta opção desloca a centralidade de todas as questões teológicas. A questão básica não é: que futuro possui o cristianismo ou a Igreja de Cristo? Nem que destino terá o Ocidente? Mas que futuro terá o planeta Terra e a humanidade que é sua expressão? Em que medida o Ocidente com sua tecnociência e sua cultura, em que medida o cristianismo com sua bagagem espiritual garantem esse futuro coletivo?

De outro modo, urge reafirmar uma opção pelos pobres do mundo, aquelas imensas maiorias da espécie humana que são exploradas e dizimadas por uma pequena minoria da mesma espécie. O desafio será conseguir que os humanos se entendam como uma grande família terrenal junto com outras espécies e que redescubram seu caminho de volta à comunidade dos demais viventes, à comunidade planetária e cósmica.

Por fim, é altamente relevante garantir a sustentabilidade não de um tipo de desenvolvimento, mas do planeta Terra, a curto, médio e longo prazo mediante um tipo de prática cultural não consumista, respeitadora dos ritmos dos ecossistemas que inaugure uma economia do suficiente para todos e propicie o bem comum não só aos humanos, mas também aos demais seres da criação.

No entanto, dois grandes problemas ocuparão as mentes e os corações da humanidade daqui para frente, principalmente acerca do destino e futuro do planeta Terra caso prolonguemos a lógica de rapinagem que o tipo de desenvolvimento e de consumo atual nos acostumou e também sobre a qual a esperança do mundo dos dois terços pobres da humanidade.

Há o risco de que a "a cultura dos satisfeitos" se feche em seu egoísmo consumista e cinicamente ignore a devastação das massas pobres do mundo. Como há também o risco de que os "novos bárbaros" não aceitem o veredicto de morte e se lancem numa luta desesperada pela sobrevivência, tudo ameaçando e a tudo destruindo. A humanidade poderá enfrentar ainda níveis de violência e destruição jamais vistos na face da Terra.

A menos que, coletivamente, decidamos mudar o curso da civilização, deslocar o seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação excludente para uma lógica dos fins em função do bem-estar comum do planeta Terra, dos humanos e de todos os seres, no exercício da liberdade e da cooperação entre todos os povos.

Ora, estas duas questões, com acentos diversos, são preocupações comuns do Norte e do Sul do planeta. E elas constituem o conteúdo central da teologia da libertação e da reflexão ecológica preocupada com a vida como um todo. Estas

duas vertentes de pensamento permitem o diálogo e a convergência na diversidade entre os pólos geográficos e ideológicos do mundo. Elas devem ser uma mediação indispensável na salvaguarda de todo o criado e no resgate da dignidade das maiorias pobres do mundo. Por isso teologia da libertação e discurso ecológico se exigem e se complementam mutuamente.

Teologicamente se abre um desafio verdadeiramente ecumênico que o de inaugurar uma nova aliança com a Terra de tal forma que signifique aquela aliança que Deus estabeleceu com Noé após a devastação do dilúvio, ou seja, uma Aliança eterna entre Deus e os seres vivos com toda a vida que existe sobre a Terra.

Os seres humanos devem sentir-se filhos e filhas do arco-íris, traduzindo esta aliança divina com Gaia, o superorganismo vivo e com todos os seres que nele existem e vivem, mediante relações novas de benevolência, compaixão, solidariedade cósmica e profunda veneração pelo mistério que cada qual porta e revela. Somente então haverá uma libertação integral de todos os seres em sua casa comum originária, que é a Terra.